

**IRENE BATISTA ANDRADE**

**ARTE: ENTRE A EXPERIÊNCIA E O CONHECIMENTO**

**BELO HORIZONTE  
ESCOLA DE BELAS ARTES DA UFMG  
2015**

**IRENE BATISTA ANDRADE**



**ARTE: ENTRE A EXPERIÊNCIA E O CONHECIMENTO**

**Especialização em Ensino de Artes Visuais**

Belo Horizonte  
Escola de Belas Artes da UFMG  
2015

**Irene Batista Andrade**

**ARTE: ENTRE A EXPERIÊNCIA E O CONHECIMENTO**

**Especialização em Ensino de Artes Visuais**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador (a): Maria Luiza Dias Viana

Belo Horizonte  
Escola de Belas Artes da UFMG

2015

ANDRADE, Irene Batista- 1962

ARTE: ENTRE A EXPERIÊNCIA E O CONHECIMENTO:  
Especialização em Ensino de Artes Visuais / Irene Batista Andrade. –  
2015.  
25 folhas.

Orientador (a): Maria Luiza Dias Vieira.

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da  
Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como  
requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de  
Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. VIANA, Maria Luiza Dias. II.  
Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.

CDD: 707



**Universidade Federal de Minas Gerais**  
**Escola de Belas Artes**  
**Programa de Pós-Graduação em Artes**  
**Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais**

Monografia intitulada *ARTE: ENTRE A EXPERIÊNCIA E O CONHECIMENTO*, de autoria de Irene Batista Andrade, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Maria Luiza Dias Viana - Orientadora

---

Bárbara Ahouagi

---

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha  
Coordenador do CEEAV  
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2015

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço a Deus pela oportunidade de fazer o Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais, a orientadora Maria Luiza Dias Viana, a tutora Maria Aparecida e Taciana N. Andrade, minha sobrinha. Por tudo que me ajudaram na realização deste trabalho.

“A educação é um processo social, é desenvolvimento. Não é preparação para a vida, é a própria vida. “

John Dewey

## RESUMO

Este trabalho traz uma reflexão teórica sobre a experiência e o conhecimento em arte. Aborda primeiramente a noção de experiência a partir do pensamento do filósofo John Dewey que ressalta a importância dos sentidos, sentimentos e emoções para a criação de uma obra e arte. Em seguida enfoca o pensamento de Luigi Pareyson, sobre a função educacional, política, religiosa, moral e científica da arte e de Aracy Amaral que trata da função social da arte e de seu papel na sociedade. E por fim, relaciona os temas apresentados pelos autores acima, com a abordagem triangular de Ana Mae Barbosa que ressalta a importância da escola como um modo de levar arte à população, uma vez que somente por meio dela é possível conhecer e fazer arte.

**Palavras-chave:** ARTE, CONHECIMENTO, EXPERIÊNCIA, REFLEXÃO, EDUCAÇÃO, SOCIEDADE.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>12</b>
EXPERIÊNCIA EM ARTE: UMA REFLEXÃO DA OBRA DE JOHN DEWEY E OUTROS AUTORES .....	12
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>18</b>
CONHECIMENTO EM ARTE A PARTIR DE LUIGI PAREYSON E OUTROS AUTORES.....	18
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>22</b>
ANA MAE BARBOSA: ENTRE A EXPRESSÃO E O CONHECIMENTO EM ARTE .....	22
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>25</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS</b> .....	<b>26</b>

## INTRODUÇÃO

A proposta desta monografia é fazer uma reflexão acerca da arte como experiência, como conhecimento e apontar o ensino de arte como uma possibilidade de interação destes dois processos; experimentação e conhecimento do mundo. Para isto, foi feita uma pesquisa bibliográfica fundamentada nos teóricos: John Dewey, Luiz Pareyson e Ana Mae Barbosa.

A teoria de John Dewey é abordada no primeiro capítulo a partir de sua reflexão sobre a experiência no processo da criação de arte. Para Dewey (2010), este processo inicia-se com a impulsão, com o desejo de criar uma obra e para que a experiência estética tenha sucesso são necessários os sentidos, a emoção, os sentimentos, a relação do artista com o meio em que está inserido e sua visão de mundo. Isto envolve turbulência, agitação, organização, reorganização, pensamento constante e recriação. Assim, criando, pensando e refletindo a obra vai se desenvolvendo. Este processo demanda tempo e cada criador tem seu tempo. E ainda passa pelo observador, pois sem aquele que experimenta, sem alguém que tenha participado do processo de criação, como observador ou como contemplador, não haverá experiência completa, experiência estética plena.

No segundo capítulo é traz à tona a teoria de Luigi Pareyson (1989). Para este autor, a experiência em arte tem função educadora, moral, filosófica, científica, religiosa e social e a cada apreciador há um prolongamento da arte. Para ele, a experiência em arte é para desenvolver o conhecimento. E pode-se perceber através da arte um novo olhar, uma nova perspectiva para uma mesma realidade.

Outra referência de estudo neste capítulo é Aracy A. Amaral (2003). Sua contribuição é a respeito da arte em sua dimensão política, uma vez que ela se refere aos artistas que usam suas obras para abordar questões de cunho social. Deste modo levando conhecimento e aguçando valores para que o apreciador entenda seu posicionamento diante das injustiças e atitudes pessoais dentro da coletividade.

No terceiro capítulo é colocada a perspectiva para o ensino de arte a partir de Ana Mae Barbosa (1996) que na construção da sua Abordagem Triangular, traz uma reflexão à luz dos autores acima mencionados. Para a autora o conhecimento através da arte, desenvolvido no âmbito escolar, envolve o ato criador e o

conhecimento, e estes devem ser vistos e trabalhados como processos associados e integrados na sociedade.

## **CAPÍTULO 1**

### **EXPERIÊNCIA EM ARTE: UMA REFLEXÃO DA OBRA DE JOHN DEWEY E OUTROS AUTORES**

John Dewey nasceu nos Estados Unidos em 1859 e faleceu em 1952 aos 93 anos. Foi graduado pela universidade de Vermont, trabalhou como professor secundário e doutorou-se em Filosofia. A escolha do autor foi por entender sua importância para o ensino de Artes na escola e toda a educação como meio de desenvolver o pensamento crítico e reflexivo. Para Dewey “educação é vida, não preparação para a vida” (TEIXEIRA E WESTBROOK, 2010, p.61).

Entende-se que a educação é progressão, evolução da aprendizagem dos indivíduos, onde à cada experiência nova o eu se reorganiza, a partir do que já foi aprendido e origina-se uma ação criadora. John Dewey influenciou vários estudiosos nacionais e internacionais.

Barbosa (2015) ao referir-se a John Dewey relata que suas ideias avançadas são o caminho para transformar a educação, ressaltando a experiência estética que se inicia com o desejo de criar uma obra de arte. Para Dewey a experiência em arte se dá, na medida em que as ideias vão amadurecendo nos indivíduos, junto com lembranças e momentos de agitação, turbulência e reflexão, unindo experiências passadas com experiências do presente, até a criação de um novo objeto de arte. Tanto para o criador como para o observador os sentidos são importantes na experiência em artes: o olhar, o ouvir, o tatear e o cheirar, aguçam a percepção, envolvendo o sistema sensorial, acontecendo à experiência estética.

Segundo Dewey (2010), a experiência em artes começa com a impulsão, o desejo, a necessidade de criar algo, desenvolver um projeto. Esse início vem carregado de emoções e amadurece, transformando-se em ideias racionais num pensar racional. A arte não acontece do nada. Ela é criada a partir de um processo que envolve o meio em que o artista está inserido. Suas lembranças, seu modo de relacionar, a influência do passado e sua projeção para o futuro, pois as vivências do ser humano acontecem a partir da interação com seu meio. Nessa relação: natureza, amigos, objetos e tudo que o cerca, compõe e aguça os sentidos. Para observar os acontecimentos do cotidiano se faz necessário enxergar, ouvir, tatear como modos sensoriais de apreensão do ambiente. Portanto, envolver com o processo criador e o pensar racional em arte, são modos de estabelecer as ligações entre as ideias e os

sentimentos, seja o escultor com o bronze ou mármore ou argila e suas ferramentas, o músico com partituras e seus instrumentos musicais, o pintor com as tintas, telas e pincéis e etc. Outro fato é que a experiência em artes se desenvolve com os sentidos tanto para quem cria a arte como para aquele que a contempla e a aprecia.

Dewey (2010) afirma que, para que haja uma experiência completa em arte é necessário agitação e turbulência, pois enquanto o eu vive o estado de agitação e turbulência procura organizar e ordenar suas ideias e seus pensamentos para por em prática a sua atividade, visando à importância da adequação de suas ações para um acabamento estético em sua obra. Com isso, a artista demanda tempo, e a cada passo ele constrói, reflete, reorganiza, reelabora suas ações. Em sequência, e no processo vai descobrindo significações, vivências, se misturando a experiências recentes criando um objeto novo único de beleza única diferente de tudo o que já existe, causando o impacto da beleza estética, culminando numa experiência completa repassada à estética da obra. DEWEY (2010)

“A vida se dá em um meio ambiente; por causa dele, pela interação com ele. “ (DEWEY 2010, p: 74). A partir desta ideia o autor afirma que o ser humano tem que se acomodar e adaptar-se ao meio observando, avaliando e analisando, pois é nesse lugar que se encontra os perigos e também é o local em que consegue seguir frente na busca das necessidades primordiais e essenciais de sobrevivência. O meio é a ligação do eu com o mundo. O ser humano tem a necessidade de arte. Uma ideia adormecida que havendo tensão e conflito, vai adaptando e encontrando o equilíbrio e harmonia, ganhado forma e vem a ser criada, transformada em um objeto de arte. DEWEY (2010)

“[...] o artista tem seus problemas e pensa enquanto trabalha. “ (DEWEY. 2010 p: 78), assim enquanto vai elaborando sua arte o raciocínio também é desenvolvido e esta interação que há do eu e do trabalho artístico se funde em um só.

Para que a experiência em arte se desenvolva o eu precisa ser observador do meio em que o cerca e estar repleto de energia. Ser um observador atento do mundo ao seu redor proporciona a interpretação dos acontecimentos, havendo ordenação e elaboração das ideias. As experiências de lutas e conquista da vida é a arte em estado germinal, isto é, suas vivências passadas, presente e futuro. Seu mundo interior e exterior. Tudo isto compõem o ser humano em um ser único e pleno e a arte revela-o no mais sublime do seu eu. DEWEY (2010).

A importância da impulsão como ato inicial para o desenvolvimento da experiência com a arte parte do princípio que qualquer traquejo se conclui a partir da impulsão, mas que nem todos os ímpetus levam às experiências completas. Em suma, uma experiência com arte começa com a impulsão, mas para que esta possa se concluir precisa passar por vários estágios. O eu do artista precisa entrar com toda a autenticidade. Isto é, não se faz arte sem que a identidade do artista apareça, se revele. Pela plenitude do ser humano, um repente, nasce de uma necessidade e que só pode ser concretizado nas relações definidas com o meio. No entanto, se esse for benéfico ou não, em proporções demasiadas, pode haver uma destruição da impulsão. (DEWEY, 2010)

Após relações bem definidas do eu com seu meio, isto é, o artista está racional e emocionalmente equilibrado, com um relacionamento saudável com o seu meio: natureza, familiares, amigos, vizinhos e animais, são possíveis seguir em frente com projetos de arte. Portanto, para que a obra se realize é necessário tempo e cada criador tem seu tempo, que é indeterminado. É nesse limite temporal que o autor do objeto assimila, organiza, reorganiza, orienta, reorienta, elabora e reelabora suas ideias e lembranças para a conclusão bem-sucedida da obra de arte. Essas experiências que podem se manifestar em qualquer área do conhecimento nasce de necessidades, desejos adquiridos nas impulsões e que serão concretizadas com união com o meio, pois somente esse auxilia a conclusão de uma experiência. Assim entende-se que se não houver uma experiência completa não haverá a interação do eu com o meio, uma vez que, para que o eu se envolva inteiro é necessário uma interação plena entre eu e meio ambiente, acontecendo deste modo a plenitude do eu, alcançando a experiência completa. (DEWEY, 2010). Para Dewey (2010), o eu carregado de conhecimentos prévios consegue transformar a emoção do início da impulsão em ideias planejadas e racionais obtendo um resultado de experiência plena com inteireza de significados, contendo um resultado de qualidade. Esse processo tem um tempo de duração indeterminado, desde a impulsão até a conclusão da obra de arte. O tempo varia de experiência e autor. Cada experiência é única. A impulsão gera energia. A energia é transformada em ação refletida, pensada.

Embora o eu repleto de subjetividade, carregue consigo vivências do passado e do presente; unindo novo e velho, criando com autenticidade uma nova experiência, ganhado aspectos diferenciados desenvolvendo uma experiência única,

há coisas que para o observador possa parecer ato de expressão, não passam de descarga de emoções avassaladoras, isto é, um indivíduo que se encontra em uma experiência que o deixe desequilibrado emocionalmente possa caracterizar como se estivesse expressando um sentimento de raiva, mas na verdade apenas dá vazão à sua emoção “explodiu”. Assim o ato de expressão acontece quando o eu no lugar de; dar vazão à emoção de modo avassalador usa de mecanismos reflexivos e desenvolve sua experiência ao criar uma obra de arte. A energia da impulsão foi encaminhada para caminhos pode rumar-se como mais saudável. Nesse caso seria transformar a energia com uma ação negativa em energia uma ação positiva. DEWEY, (2010).

Só há uma expressão artística verdadeira quando há a junção do natural e do construído, dando origem ao novo e criando entonação verdadeira que seja um ato de dentro para fora, que precisa ser espremido, ser pressionado (isto acontece a partir de um produto natural espremido), contendo nele uma pressão que deixa o estado bruto, primitivo e original e se torna um objeto lapidado. Havendo assim uma experiência completa. DEWEY, (2010).

“A expressão como ato e a expressão como objeto estão ligados” DEWEY, (2010, p: 180). Diante da obra de arte percebe-se um objeto físico que é a expressividade de existência, tendo contido nesse o como foi feito, mostrando características de execução. O artista com o seu material e sua experiência de mundo cria um objeto novo que mostra o fazer e o significado da nova obra de arte. A obra carrega uma ideia de significação das coisas para uma sociedade e expressa múltiplos significados. DEWEY, (2010).

A arte tem várias linguagens, mas não se traduz somente em palavras. Cada arte tem seu idioma, seu modo de expressar sem necessidade de tradução em qualquer língua e continua a ser a mesma, isto é, a leitura da obra de arte é universal, independe de idiomas. A arte só é completa quando outro que não a criou a experimenta, do mesmo modo que o criador da arte o apreciador enquanto observa uma obra antiga ou que nunca tenha visto sente-se tocado com sua personalidade e identidade, criando uma nova experiência que vai juntar com as outras já existentes. Assim desenvolvendo uma experiência única. DEWEY, (2010).

A experiência estética é “diretamente encontrada na percepção sensorial” (Dewey, 2010, p: 229). É uma experiência imediata, na qual passa pelos sentidos onde o olhar, o observar se unem para perceber as características como foram

harmonizadas as cores, as pinceladas, as organizações das figuras no espaço da pintura. Aquele momento de reflexão que a arte leva o observador a se interiorizar dando significações que vem de experiências passadas. Do mesmo modo ao ouvir uma música, ler uma poesia, olhar para uma escultura e uma obra arquitetônica os sentidos são primordiais em junção com as experiências passadas contribuindo para experiência imediata – experiência estética. Portanto a experiência de uma ação que não seja habitual no qual o ‘uso’ dos sentidos se faz importante à medida se observa e ouve o que se encontra ao redor. Os órgãos do sentido são o caminho para que o observador nessa nova ação entre em contato com as vivências passadas unindo com vivências do presente originando uma nova experiência. Entende-se que a experiência atual vá além dos sentidos, envolve todo organismo. Deste modo o organismo inteiro está envolvido na percepção do objeto através dos sentidos, lhe dando existência, é o físico. Quando é visto, percebido desenvolve sentimentos, sensações e emoções. Criando uma experiência única. Diante de uma nova situação todos vivem uma nova experiência. Quanto maior for a experiência passada, mais completa será a experiência do momento presente. É a obra de arte que suscita no eu as sensações para a experiência atual. Atribuindo-lhe significações, promovendo sensações prazerosas que são necessidades do sistema sensorial. DEWEY, (2010).

Portanto, para refletir sobre experiência em arte é necessário que reflita sobre os aspectos humanos. A experiência começa com a impulsão, o desejo de criar algo que seja novo, inovador, que surpreenda o observador. Porém, para que a obra chegue a ser concluída leva tempo. O artista amadurece suas ideias, superando as dificuldades e adquirindo equilíbrio do eu. A emoção é um caminho muito importante na experiência estética. O eu com o tempo transforma a emoção em ideias racionais. Os órgãos sensoriais são meios para que o apreciador tenha uma experiência estética. Quanto maior for à experiência vivida mais completa será a experiência do momento presente. Diante da obra de arte, é essa quem suscita no apreciador os sentimentos, lembranças, sensações e emoções através do que se viveu. Assim acontece a verdadeira experiência estética com o contemplador que prolonga a criação do artista. DEWEY (2010).

Os estudos de Dewey são de importância para a educação brasileira e influenciam educadores, autores, artistas, etc. Entre esses, destaco o educador Anísio Teixeira que estudou com Dewey na Universidade de Colúmbia e em visita nos Estados Unidos, Teixeira volta com ideias de uma educação baseada na



democracia e ciência. Antes de conhecer Dewey a proposta educacional de Teixeira era de uma escola diferenciada para os filhos dos pobres, que consistia no mínimo para o trabalho não especializado e para os filhos da elite uma educação para continuar os estudos ginasiais (4ª a 8ª series). Teixeira organizou as escolas primárias da Bahia em 1930. Introduziu a educação corporal e manual, centrado na concepção de Dewey, de relação entre “sabedoria da mente e sabedoria do corpo”. (Barbosa, 2015, p: 64). Barbosa relata que Anísio Teixeira foi o mais fiel dos representantes da concepção deweyiana, mas não foi primeiro nem o único. São inúmeras as citações referentes à Dewey encontradas nos livros de autores brasileiros desde 1927.

## **CAPÍTULO 2**

### **CONHECIMENTO EM ARTE A PARTIR DE LUIGI PAREYSON E OUTROS AUTORES**

Este capítulo ressalta “o processo de criação e invenção na arte a necessidade da arte na vida do ser humano e arte como conhecimento”. “A arte ignora qualquer outro fazer que não seja aquele implícito no próprio conhecer” (PAREYSON, 1989 p: 31) Assim, o fazer em arte é conhecimento, pois o artista precisa conhecer os materiais e a técnica de sua arte. O expressar da arte exige do artista o conhecimento daquilo que vai ser expresso.

É uma arte para decoração? Ou uma arte para além da contemplação? A arte tem um objetivo? Qual é a mensagem que a obra pretende despertar? Tais questionamentos que serão levantados neste capítulo, sob a luz dos conhecimentos de Luigi Pareyson, pretendem apresentar uma perspectiva da relação entre arte e conhecimento.

A escolha do estudo sobre Pareyson foi por entender a sua contribuição para a educação, quando relaciona que a arte faz parte da vida do homem e tem a função educadora, moral, política, social, religiosa e científica. Nascido em 1918, no Vale d’Aosta, no extremo norte da Península Itálica, Pareyson trabalhou por 21 anos, como professor de estética, na Universidade de Turim. Seu pensamento foi influenciado pelo existencialismo alemão. Desenvolveu a teoria da formatividade com as obras seguintes: *Estética - Teoria da Formatividade* (1954), *Teoria da Arte* (1965), *Os Problemas da Estética* (1966), *Conversas de Estética* (1966), *A Experiência Artística* (1974).

Para Luigi Pareyson (1989), a experiência em arte passa pela Filosofia e pelo artista. A arte precisa da Filosofia para refletir sobre os aspectos importantes a serem ressaltados e questionados. E assim promove a experiência filosófica na arte. Essa experiência é necessária para que estudiosos discutam e reflitam aspectos relevantes sobre as artes. Pareyson afirma que o apreciador encarrega de prolongar o fazer artístico. Enquanto aprecia e observa uma arte, o observador compreende como foi criada e assimila vários entendimentos de como se revela a criação em arte. E a cada pessoa que aprecie prolonga este, pois a arte desperta sentimentos que retomam lembranças do apreciador. Ou cada leitor desperta na arte ou da arte sentimentos significativos conforme sua vivência. Uma pessoa que viveu sua

infância vendo os adultos usar um fogão a lenha, quando adulto em uma vida distante fica cheio de sentimentos significativos, quando está diante de uma pintura retratando um fogão a lenha. Suas lembranças vão muito além da cozinha da casa que viveu. Vêm à tona, pessoas, brincadeiras, alegrias, tristezas uma gama de lembranças e sentimentos revirando sua mente e seu passado. (PAREYSON, 1989). A arte é conhecimento de modo especial. Através da arte pode-se perceber uma realidade com novo olhar, nova perspectiva. Quando é possível perceber uma mesma realidade com outros focos amplia-se a visão de mundo, uma vez que o prolongar do fazer do artista pode ser através do mediador- o professor de Arte. PAREYSON, (1989).

Pareyson (1989), cita a bíblia, os textos homéricos e as tragédias gregas como verdadeiras obras de artes. Assim é preciso entender essas obras de arte contendo função e significado com valor artístico, filosófico, político e religioso. O autor ainda cita os romances de Dostoiévsk, como pura obra filosófica, as pinturas de Bosch, como obra teológica, e que é encontrada nas artes espanholas, como romances, dramas e poesias uma verdadeira filosofia. Nesse sentido faz-se filosofia com a própria arte. Mas deve-se entender que o artista coloca em sua arte seus conceitos religiosos, filosóficos, políticos e morais. Entendendo-se, o artista, um produto de seu meio de modo que sua apresenta os valores por ele vivenciados. PAREYSON, (1989).

Para alguns artistas, é através da arte que é possível interpretar e conhecer o mundo. Nesse contexto pode-se destacar a história das civilizações antigas, que só se conhece por meio de pinturas, esculturas, arquiteturas e cerâmicas. A religião católica usava-se das artes para catequizar, antes da bíblia ser traduzida para que a população pudesse ter acesso à sua leitura. Assim, a arte ajuda compreender a biografia do artista e essa ajuda entender sua arte. PAREYSON, (1989).

A leitura da obra de arte é um processo complexo que exige interpretação adequada, mas o leitor munido de sentimentos, emoções, inteligência e necessidades, garantindo assim uma leitura que o leve a dialogar com a obra indagando, refletindo, respondendo seus questionamentos e apreciando a cada detalhe propiciando um momento de união com a obra. Esse instante diante da obra é um momento de aparente inércia. Perante a leitura da arte, acontece um ler que quer dizer executar. Embora, pareça difícil entender a leitura de arte como um executar e que compreende para todas as artes. Executar é transcender através da

arte num despertar reflexivo para um novo olhar, uma nova maneira de ver a realidade, o sair da alienação através da obra. (PAREYSON, 1989).

Refletindo sobre a posição do autor, pode-se entender que se a arte faz parte da vida e vida está imbuída de arte, sendo uma contribuição para a vida social, política, moral e religiosa do ser humano. O professor como mediador pode partir da obra de arte levar o conhecimento mais abrangente, situando a vida do artista e suas obras de modo a ressaltar a situação sócio-político e cultural, em que a comunidade do artista vivenciava e a influência na obra. Compreendendo assim o papel da sociedade, da religião, do poder governamental, do artista na construção da vida política de uma nação. Levando o aluno um despertar para o entendimento com seu próprio meio, suas relações e ações diante das situações individuais e coletivas dentro do meio em que está inserido.

Neste contexto aliando, complementando o conhecimento ressaltado por Pareyson, vale ressaltar também o pensamento de Aracy A. Amaral, cujas reflexões contribuem para uma visão do contexto social e político em que artistas usam de suas obras para alcançarem a população e despertar de injustiças sociais.

Amaral<sup>1</sup>, (2003), relata que a partir da década de 20 os artistas e intelectuais da América Latina passam a usar suas artes para levar uma mensagem social e política à sociedade, abandonando a poética em prol de uma inquietação social, sentindo a necessidade de registrar sobre as lutas socioculturais e política vigente. Na América Latina a preocupação das artes passou a ser relevante dentro do quadro político-social num despertar sobre as injustiças sociais implicadas na sociedade.

A arte acaba atingindo uma minoria de pessoas, sendo assim, faz-se necessário que a arte possa ser acessível a um número maior de pessoas e pudessem, descobrir-se a partir delas, como sujeitos participativos da vida social e política do seu país e de seu tempo. Segundo Amaral, surgem dois caminhos para fazer com que a arte tenha um diálogo com um número maior de pessoas; o objeto de arte como reflexão direta para a participação do contexto social; a obra como meio de mudança social. Para AMARAL, (2003) há um trabalho de fácil engajamento da sociedade, que poderia ser feito através dos educadores, estudantes de artes e

---

<sup>1</sup> Aracy Abreu Amaral nasceu em fevereiro de 1930, hoje com 85 anos. É historiadora crítica da arte. Professora titular (aposentada) em história da arte da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo USP. Escreveu vários livros, entre eles: ARTE PRA QUÊ? A preocupação social na arte brasileira 1930-1970, que é o livro de análise para esse trabalho.

artistas, conscientizando-os de suas responsabilidades sociais e culturais. Assim é importante que através das artes a população engaje nas lutas sociais. (AMARAL, 2003 *APUD* GANDIBERT). A socialização da arte precisa ser instrumento de conscientização dos problemas sociais coletivos num despertar individual. Deste modo a função social da arte só acontece quando o artista entende sua responsabilidade em levar para a população uma arte que dialoga através de mensagens socioculturais e políticas, sempre posicionando os valores e entendendo como praticante da história de sua sociedade. (AMARAL, 2003).

Com isto, entende-se que a arte não é processo estanque, isolado, mas sim um conhecimento associado à vida das pessoas, ao cotidiano e as questões políticas, históricas, ambientais e filosóficas de uma sociedade. Ao desenvolver um trabalho de arte na escola, o professor deve conectar a toda a realidade dos seus docentes, discentes e toda comunidade escolar.

### **CAPÍTULO 3**

#### **ANA MAE BARBOSA: ENTRE A EXPRESSÃO E O CONHECIMENTO EM ARTE**

O presente capítulo ressalta a importância da teoria da abordagem triangular para o desenvolvimento mais eficaz da Arte nas escolas brasileiras, à luz da teoria de Ana Mae Bastos Barbosa, professora titular do Departamento de Artes Plásticas da Universidade de São Paulo. Ana Mae atuou no mestrado e doutorado em Arte-Educação e no Núcleo de Cultura e Extensão em Promoção da Arte na Educação da Escola de Comunicação e Artes da USP, publicou 12 livros sobre Arte e Arte-Educação e recebeu os prêmios; Edwin Ziegfeld nos Estados Unidos (1992) e o Prêmio internacional Herbert Read (1999). Hoje é professora aposentada.

Barbosa (1996), afirma que, a escola é o meio pelo qual há a inter-relação da obra de arte com o apreciador. É através da educação, estudando a arte que o educador leva o aluno conhecer o objeto da arte e sua história. É o caminho para desenvolver na sociedade a democratização da arte, onde todas as pessoas sem distinção de classe social podem participar de eventos artísticos eruditos tanto como populares. Para Ana Mae, o conhecimento da arte precisa ser transmitido de forma consciente, de modo que se entenda a relação entre a história da arte, a leitura da arte e o fazer artístico e nesta perspectiva, Barbosa define a Abordagem Triangular, contemplando o fazer artístico, a leitura da imagem e a contextualização. Nessa relação o aluno poderá ser capaz de conhecer as artes, seus divulgadores e entender porque determinado objeto é uma obra de arte e qual é seu impacto no observador, a intenção do artista quando propôs determinada arte, bem como, o quê o artista quer causar no observador com sua obra. É na escola estudando artes que podem ser suscitados nos estudantes o desejo de experimentar e conhecer arte.

Uma outra perspectiva é proporcionar ao aluno a criação, visto que sua importância envolve suas vivências cotidianas, suas experiências passadas e projeções para o futuro, isto é, quando está em processo de criação o indivíduo re-significa sua vida.

Assim, segundo Dewey (2010) o processo criador que desenvolve no artista o pensar e repensar, refletir reorganizar as ideias, podendo a arte até ajudar na interpretação e raciocínio de outras disciplinas. De mesmo modo, quanto Dewey diz (2010) que no processo criador o artista passa por transferências e agitação, os jovens estão em uma fase da vida em que depara em constante tensão, pois nesse

momento a arte auxilia no processo emocional dos jovens, visto que nos momentos de tensão é o momento que o criador reflete, repensa, reorganiza para voltar no seu objeto de arte.

Segundo Barbosa, (1996), somente através de uma educação adiantada se desenvolve uma nação. A educação deve contribuir para esse avanço da sociedade. O papel da arte nesse contexto posiciona-se em um lugar importante para que a escola dê essa contribuição à sociedade, de acordo com os levantamentos citados sobre o que a disciplina deve inserir. (1996).

A Abordagem Triangular remete em Ler, Fazer e Contextualizar interrelacionando-se com decodificar, refletir, informar e experimentar. Na proposta da abordagem triangular a escola precisa organizar seu currículo com multidisciplinaridade das matérias envolvida com a disciplina de Arte.

O contextualizar é uma atitude política. Quando o professor propõe atividades contextualizadoras esta agindo de modo a levar os alunos a entender o seu “eu” em seu meio e suas ações. Essa relação do “eu” com o meio, envolve passado-presente, história da humanidade e futuro. Assim, entender tudo aquilo que faz parte de seu “eu” sua vida, abrir-lhe o horizonte compreender-se como sujeito participante do processo de uma nação. Como nos relata Amaral (2003) da importância da arte como meio para um despertar das injustiças sociais.

Portanto; é papel da escola criar condições de fazer com que o aluno conheça sobre a arte: sua história, como foi elaborada, assim como compreende também a importância da harmonia das cores, tons e ritmos e outros elementos visuais; as linhas que delimitam os objetos e como o artista cria suas personagens. Assim, criar condições para que o aluno entenda a relação da obra de arte com os acontecimentos sociais e políticos, globais e de sua realidade.

Os professores são, inconscientemente, os veículos que cristalizam o comportamento, o pensamento e o desenvolvimento institucional para garantir continuidade da dependência. (Barbosa 2015: 39-41).

O professor de Arte precisa ter clareza de sua função na educação, pois, se sabe que uma grande parte da sociedade terá apenas a oportunidade de conhecer sobre arte através da escola. Iniciando a história da arte com uma breve apresentação das etapas da arte começando pela arte rupestre até chegar à arte

contemporânea. Pode-se incluir também a leitura da obra de arte que pode envolver a análise dos aspectos da obra ou uma comparação entre duas ou três obras. O professor poderá também levar em consideração a biografia dos autores e épocas de sua vida e da obra estudada.

Dewey (2010) ressalta a importância da emoção, dos sentimentos, dos sentidos para 'o criar' arte. Barbosa (1996), diz que só se desenvolve a inteligência por completo com o pensar, o refletir, o conhecimento da arte. O criar arte faz parte do processo humanizado de uma sociedade, desenvolve a percepção e a imaginação, faz com que o indivíduo se perceba em seu meio como sujeito atuante, e por meio de sua arte é capaz de modificar a realidade. E despertar no contemplador, novos olhares para uma mesma realidade. Portanto, o processo de criação da arte na escola tem a função do conhecimento cognitivo, poético e emocional, ajudando na saúde mental das crianças e dos adolescentes, pois o processo de criação de arte reorganiza os pensamentos, emoções e idéias. Voltando para os alunos que vivem em situação de risco, à margem da sociedade o quanto a arte na escola não poderia contribuir? Deste modo, percebe-se que o processo criador de arte é importante na vida da criança e do adolescente, pois essas fases da vida de maior dificuldade para o indivíduo.

Deste modo a escola está prolongando o fazer artístico do autor da obra de arte. É através da arte na escola que a educação contribui para a vida do educando em todos seus aspectos: moral, científico, político, religioso, e social. Deste modo, a arte como função educacional, na escola poderá também envolver os diversos conteúdos: história, matemática, línguas portuguesa e estrangeira, geografia ciências, etc., sem perder sua própria centralidade.

Neste sentido, pode-se perceber que a abordagem triangular de Ana Mae está centrada na relação da arte com o conhecimento, quando atrelada às perspectivas sociais conforme aponta Pareyson e também passa pela experiência, pelos sentidos, emoções, memórias e sensações como aponta Dewey,

Vai de encontro com Pareyson (1989), no contextualizar quando ele diz que a arte tem a função educacional, social, política, moral e científica. E também com Amaral (2003), que relata a importância do artista no engajamento político e social, usando da própria arte para um despertar das frente às injustiças sociais. Saber ler as artes é estar ampliando os conhecimentos, é entender sua participação na vida coletiva da comunidade, da sociedade e do país.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se pode perder de vista que o trabalho com artes na escola deve firmar-se e ir além do sentido da recreação. Deve impulsionar os alunos a entender arte como um conteúdo legítimo, com uma história própria. Mas a arte na escola deve também instigar os alunos a desenvolverem suas potencialidades como criador e ainda como observador/contemplador. Entende-se a importância de trabalhar arte na escola de modo a alavancar este conteúdo como um conhecimento próprio, para que o aluno amplie sua visão de mundo, compreenda sua participação no processo histórico e cultural de sua comunidade/sociedade. A escola deve levar o educando a ler e interpretar obras de arte, relacionando-as com a história da própria obra, do próprio autor, no tempo e espaço.

O Curso de Ensino em Artes Visuais oportunizou conhecer e refletir um pouco sobre a autora Ana Mae Barbosa e através dela pode-se “encontrar” John Dewey, Luigi Pareyson, e Aracy A. Amaral e refletir a relação do conhecimento em arte e o indivíduo nas convicções de cada autor. Foi possível compreender como através da arte, é possível levar o conhecimento em vários sentidos. Conhecer arte, envolve conhecer a história da humanidade, dos povos e suas diferenças políticas, religiosas, morais, ligadas aos costumes e as lutas sociais. Assim como o contato com o conhecimento é possível também, investir nas emoções dos alunos, nos sentidos e sentimentos, permitindo que se reconheçam através do contato com a arte. Portanto, a escola deve privilegiar o criar, o conhecer e o contextualizar; dentro de uma proposta multidisciplinar.

Assim, percebendo quanto é importante levar o aluno a criar e a fazer. Desviando as energias negativas de turbulência e agitação em experiências de arte. Entende-se ainda que o processo do criar em arte desenvolve o raciocínio, aguça a atenção podendo melhorar a interpretação e concentração nas aulas. Com pensamento da Amaral (2003) percebe-se que a arte na escola pode contribuir para que o aluno consiga entender seu papel no seu meio de modo a compreender que suas atitudes perante a sociedade são políticas. E aprender que ela pode também auxiliar a se posicionar politicamente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, A. Aracy. **Arte para quê?** 3ª Ed. São Paulo, Editora Estúdio Nobel, 2003

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no Ensino da Arte.** 2ª Ed. São Paulo. Editora Perspectiva. 1996.

\_\_\_\_\_. **John Dewey e o Ensino de Arte no Brasil.** 8ª Ed. São Paulo. Editora Cortez. 2015.

DEWEY, John. **Arte como Experiência.** 1º Ed. São Paulo. Editora Martin Fontes. 2010

NUNES, Clarice. **Anísio Teixeira.** Recife-PE. Editora Massangana. 2010.

PAREYSON, Luigi. **Os Problemas da Estética.** 2ª Ed. São Paulo. Editora Martins Fontes. 1989.

TEIXEIRA, Anísio; WESTBROOK, Robert b. **John Dewey.** Recife- PE. Editora Massangana. 2010.